

# O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSEAL (PNEM) E SUA ARTICULAÇÃO NA REGIÃO DOS INCONFIDENTES

Valéria da Conceição Chaves<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

223

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

## RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo divulgar o Plano Nacional de Educação Museal e apresentar as ações de articulação desenvolvidas na Região dos Inconfidentes, através da promoção da práxis pedagógica no ambiente do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas. Trata-se, de uma pesquisa-ação, justificada através de ações participativas e discussões acerca das propostas apresentadas no Plano, através das quais pretendeu-se capacitar professores/multiplicadores da rede estadual, para o desenvolvimento de ações interdisciplinares dentro dos museus. Almeja-se, assim, promover um novo olhar sobre a Educação Museal, implicado com a mudança e o comprometimento destes profissionais nas ações educativas em museus.

## PALAVRAS-CHAVE:

Plano Nacional de Educação Museal, professores, Ouro Preto/MG.

## ABSTRACT:

This work aims to announce the National Plan of Education for Museums and to present the articulated actions carried out in the Inconfidentes Region, in Minas Gerais state, Brazil, by promoting pedagogical praxis inside the Science and Technology Museum of the School of Mines. The research-action is justified by participative takings and discussions about the propositions described in the Plan, which aimed to qualify public school teachers – who will turn into multipliers – in order to develop interdisciplinary actions inside museums. The goal resides on a new look upon Museum Education by changing those professional's commitment with more engaged educational actions in museums.

## KEY WORDS:

National Plan of Education for Museums, teachers, Ouro Preto, Brazil.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UFJF), Especialista em Educação Empreendedora (UFSJ), licenciada em História (UFJF), bacharela em Turismo (UFOP).

## I. Introdução

A realização deste artigo está diretamente relacionada ao interesse de divulgação do Fórum de Discussões, promovido dentro de uma plataforma virtual, concebida e programada para compor o Plano Nacional de Educação Museal (PNEM), nos anos de 2013/2014.

A realização dos diferentes Fóruns apresentados na plataforma virtual visou à participação democrática de diferentes segmentos representativos de instituições educacionais e museais em todo o território nacional e também foi aberta à participação do público em geral.

A “Plataforma de Diálogo para a construção de um Programa de Educação Museal”, elaborada pelo PNEM, na base: <http://pnem.museus.gov.br/> foi um programa idealizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), construído “a fim de fortalecer e sistematizar demandas e diretrizes para o campo de educação nos museus” (PNE, 2013), que articulou Fóruns de Discussões, através de uma plataforma virtual, com 9 (nove) fóruns virtuais, cada um relacionado a um eixo temático do Plano. Portanto, foram formados 9 (nove) Grupos de Trabalho, cada um com um(a) coordenador(a), possuidor de conhecimentos na área e fomentador das discussões. A participação nos fóruns virtuais esteve aberta no período novembro de 2012 a abril de 2013.

Para tanto, foram estabelecidas as seguintes regras para participar dos Fóruns:

1. Os fóruns são abertos e públicos para qualquer pessoa participar e encaminhar propostas;
2. Para encaminhar propostas crie um novo tópico no eixo temático relacionado;
3. Os tópicos criados devem necessariamente ser novas propostas para o Programa;
4. Verifique se o assunto que quer discutir já tem um tópico criado para não haver repetições, caso aconteçam duplicações de temas os moderadores irão remover seu tópico;
5. Comentários agressivos, difamatórios, spam, propagandas ou que não contribuam para o bom andamento do debate serão deletados pelos moderadores, caso haja reincidência deles o usuário poderá ser banido.

O objetivo do PNEM, ao abrir as discussões nos Fóruns virtuais, foi democratizar a participação de pessoas envolvidas e interessadas nas temáticas, com o intuito de criar um texto base para a construção de documentos orientadores de políticas públicas voltadas aos museus. Para tanto, a construção deste documento tinha o “objetivo de constituir diretrizes para as ações de educadores e profissionais dos museus na área educacional, fortalecer o campo profissional e garantir condições mínimas para a realização das práticas educacionais nos museus e processos museais” (PNE, 2013).

A partir, destas discussões, o PNEM criou um documento embasado nos debates relativos às práticas e ações educacionais descritas pelos participantes, cujo perfil era a atividade direta ou indireta com a Educação Museal.

Para tanto, foram definidos nove (9) eixos temáticos (FÓRUM) e seus respectivos coordenadores:

Perspectivas conceituais – Ozias de Jesus Soares;  
 Gestão – Daniele de Sá Alves;  
 Profissionais de Educação Museal – Rafaela Gueiros;  
 Formação, capacitação e qualificação – Kátia Frecheiras;  
 Redes e parcerias – Fernanda de Castro;  
 Estudos e pesquisas – Rita Matos Coitinho;  
 Acessibilidade – Isabel Portella;  
 Sustentabilidade – Girlene Chagas Bulhões;  
 Museus e Comunidade – Diego Luiz Vivian.

Tendo em vista a percepção geral destes Eixos (Fóruns) e seus GT's (Grupos Temáticos), elaborou-se um quadro para a apresentação destas composições (Fóruns e Grupos Temáticos), conforme pode ser visto, a seguir.

FÓRUM	PARTICIPAÇÕES	GT (Grupos Temáticos)	Nº GT
<b>1. Perspectivas conceituais;</b> <b>Coordenador</b> <b>GT:</b> Ozias de Jesus Soares;	114	1- Contribuições Rio Grande do Sul (GT duplicado) 2- Debate em grupos – Educação e Museus – contribuições p/ PNEM 3- Museu como ferramenta de Educação 4- Concepções de Educação 5- Museus Virtuais 6- Educação museal? Educação Patrimonial nos museus? 7- Educação e patrimônio integral 8- Construção do Projeto Político Pedagógico 9- Fomentar a construção de uma Política Nacional de Educação Museal 10- Mediação ou visita guiada? 11- Planejamento Participativo I 2 12- Parceria e colaboração – museus como lugares de encontros e formação integral 13- Quais as funções dos museus? 14- Museu: Lugar ou Espaço de Memória?	14
<b>2. Gestão:</b> <b>Coordenador</b> <b>GT:</b> Daniele de Sá Alves;	61	1- Contribuições Rio Grande do Sul; Inventário das ações educativas; Programa Educativo-cultural no Plano Museológico; Missão Educacional; 5- Financiamento de ações educativas Qual o lugar da educação museal?	6
<b>3. Profissionais de Educação Museal;</b> <b>Coordenador</b> <b>GT:</b> Rafaela Gueiros;	132	1- Contribuições Rio Grande do Sul 2- Fomento e valorização para o educativo do museu; 3- Escolas de ensino do 1º grau envolvidas na educação museal; 4- Internet como veículo de educação 5- Fortalecimento do educador de museus; 6- Perspectiva de Futuro Profissional; 7- Igualdade regional; 8- Processo de formação inicial e continuada; 9- Setor/área/coordenação/departamento educacional; 10- Promover a abrangência de Profissionais; 11- Financiamento para o educativo do museu.	11

<b>4. Formação, capacitação e qualificação;</b> <b>Coordenador GT:</b> Kátia Frecheiras;	57	1- Promover Oficinas de Conservação Preventiva de Acervos Museológicos; 2- Contribuições Rio Grande do Sul; 3- Investimento na formação dos profissionais de educação; 4- Contatos e parcerias com instituições de ensino; 5- Fomentar publicações para educadores; 6- Contatos e parcerias com instituições de natureza diferenciada do ensino formal; 7- Estágios técnicos; 8- Promoção e difusão do conhecimento da área educacional;	8
<b>5. Redes e parcerias;</b> <b>Coordenador GT:</b> Fernanda de Castro;	50	1- Parcerias externas; 2- Redes entre os profissionais do educativo; 3- Parcerias com Instituições de Educação profissionalizante; 4- Parcerias com instituições de educação básica; 5- Projetos itinerantes – ampliando ações educativas em museus; 6- Parcerias com instituições de cultura e pesquisa; 7- Parcerias com instituições de educação não formal e demais grupos organizados; 8- Ações Colaborativas entre escolas e museus no contexto da formação de professores;	8
<b>6. Estudos e pesquisas;</b> <b>Coordenador GT:</b> Rita Matos Coitinho;	40	1- Contribuições Rio Grande do Sul; 2- Criação de revista ou periódico específico em educação museal; 3- Desenvolvimento e fomento de pesquisas; 4- Consolidação de Estudos e Pesquisas; 5- Produção de conhecimento e pesquisa nos educativos dos museus; 6- O que é "o fazer científico" nos museus? 7- Estudo de público e não-público; 8- Periódicos para publicação;	8
<b>7. Acessibilidade;</b> <b>Coordenador GT:</b> Isabel Portella;	45	1- Contribuições Rio Grande do Sul; 2- Formação para atendimento de pessoas com necessidades especiais; 3- Acessibilidade social e física; 4- Adaptações em museus para promover acessibilidade; 5- <u>Democratização do acesso</u> ; 6- Conceituação de acessibilidade; 7- Transversalidade da acessibilidade;	7
<b>8. Sustentabilidade;</b> <b>Coordenador GT:</b> Girlene Chagas Bulhões;	41	1- Contribuições Rio Grande do Sul; 2- Sustentabilidade no PNEM – sugestões da REM-GO; 3- Um exemplo de ação educativa; 4- O que é Sustentabilidade; 5- Limpeza Urbana da Cidade de Vitória da Conquista-BA: os aspectos urbanos e sociais (sem aprovação); 6- Onde está a sustentabilidade? 7- Ações educacionais e desenvolvimento sustentável; 8- Revista Bons Fluidos - Razão, Sustentabilidade e Mudanças Interiores; 9- Discurso ambientalista dá lucro a empresas;	9
<b>9. Museus e Comunidade;</b> <b>Coordenador GT:</b> Diego Luiz Vivian;	85	1- Considerações gerais sobre o museu regional de Vitória da Conquista e suas conquistas; 2- Propostas de Ações Rio Grande do Sul; 3- E a 'comunidade interna' dos museus?! 4- Ações educacionais e memória coletiva; 5- Mobilidade Cultural; 6- Participação comunitária; 7- Museus e comunidade: ações educativas para uma nova prática na museologia social; 8- Gestão Pública em Museus; 9- Museu Divino Dias Maciel; 10- <u>Informação /faz</u> ; 11- Fomentar por meio de ações educativas a autogestão da memória da comunidade;	11
<b>9 Fóruns</b>	<b>625</b>	<b>TOTAL:</b>	<b>82</b>

Tabela 1. Eixos (Fóruns) e seus GT's (Grupos Temáticos); elaborado pela autora

Como se vê as discussões dentro dos 9 Fóruns geraram um total de 625 participações, desenvolvidas através de 82 Grupos Temáticos (GT).

A partir, destas participações foi também promovida a construção de um *blog*, o “*Blog do Pnem*” (com Grupos de Trabalho e Fóruns). Em ambos os ambientes, foi promovida e incentivada a discussão em torno da Educação Museal, consolidando o documento definitivo do PNEM, numa proposta construída coletivamente, uma vez que tanto os Fóruns, quanto o *blog* foram abertos para participação popular através do envio de propostas e reflexões. Para tanto, foram abertas inscrições para articuladores, engajados na área da Educação em Museus e com interesse em participar das discussões, bem como na mobilização e sensibilização de suas comunidades, razão pela qual esta autora tornou-se articuladora na Região dos Inconfidentes, a partir do convite recebido através da Superintendência Regional de Ensino (S.R.E.), via IBRAM, uma vez que já havia desenvolvido algumas ações de promoção e orientação de educadores em visitas a museus.

Ampliando a discussão fomentada pelos Fóruns, buscou-se fundamentar a articulação do PNEM em Ouro Preto, oferecendo a continuidade das discussões e reflexões através da criação de um grupo de professores/articuladores, capazes de perceberem as ações educativas nos museus sob a ótica do comprometimento com a mudança e a ação responsável dos profissionais da educação.

Ao apresentar este levantamento, tem-se como objetivo esclarecer a importância deste tipo de instrumento democrático e a forma com que foi realizada a participação nas discussões promovidas pelos Fóruns, além de analisar criticamente o instrumento coletivo construído, a partir do diálogo.

A questão geradora deste estudo foi proposta, a partir, do Fórum: “Redes e Parcerias”, Tópico: “Parcerias com instituições de educação básica”, neste fórum foram discutidas a importância e as consequências geradas pelas parcerias entre instituições museais e de educação básica. Dentre os participantes houve quem apresentasse situações como a falta de recursos para levar o transporte dos alunos até os museus, mas o que ainda é mais incômodo é a falta da práxis na formação dos professores.

Nesse sentido, a articulação do Fórum dos Inconfidentes propôs a seguinte reflexão, no Fórum:

(...) faltam parcerias junto às instituições de formação dos professores (Faculdades e Universidades), afinal se o futuro professor tiver a oportunidade de aprender, desenvolver e promover visitas técnicas, então provavelmente ele será um profissional contagiado por esta ideia. Ao contrário, aquele que não teve a oportunidade de vivenciar, planejar e realizar uma visita técnica a um museu com seus colegas de turma, poderá se sentir inibido a promovê-la junto a um grupo de alunos adolescentes (agitados e eternamente insatisfeitos) (FÓRUM REDES E PARCERIAS in: PNEM).

Afinal, como formar para a práxis, sem a experiência da mesma?

A partir desta questão, desejou-se refletir sobre a relação existente entre a teoria e a prática na formação dos professores, em prol de ações educativas em museus, uma vez que este é um dos grupos, que mais promove a práxis da Educação Museal.

Este projeto faz parte das reflexões motivadas pela experiência enquanto articuladora do PNEM, principalmente nas participações promovidas pelo Fó-

rum de discussões, “Redes e Parcerias”, Tópico: “Parcerias com instituições de educação básica”, promovido pela Coordenadora do GT: Fernanda de Castro, que propôs, entre outras questões, que:

Museus e escolas são espaços que podem oferecer ações conjuntas de formação. Muitos são os projetos realizados entre museus e escolas de forma orgânica que devem ter avaliadas as possibilidades de transformarem-se em políticas públicas constantes. Parcerias entre secretarias de educação e cultura e instituições culturais e escolares, podem garantir ou pelo menos ajudar na melhoria da qualidade do ensino. Não se trata se escolarizar o museu, mas de ampliar as suas possibilidades educativas. Que tal pensarmos em uma proposta do tipo “Museus e escolas em comunidade”, “Museu adote uma escola”, algo que promova ações educativas continuadas entre museus e escolas? (CASTRO, 01/12/2012, Coordenadora do PNEM no GT Redes e Parcerias; Tópico: Parcerias com Instituições de Educação Básica).

Para tanto, propôs-se dar o “primeiro passo”, desenvolvendo uma parceria dentro da instituição de ensino estadual, de maior representatividade na Região dos Inconfidentes – a Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto/MG (S.R.E), formando um grupo de professores/multiplicadores, para o desenvolvimento de ações interdisciplinares dentro dos museus.

A escolha por um grupo específico ocorreu pelo reconhecimento acerca de sua área de atuação, uma vez que o grupo escolhido era parte do Programa de Intervenção Pedagógica do Ciclo Básico Comum (PIP CBC, ou PIP II). Trata-se de um Programa da rede estadual de ensino de Minas Gerais, formado por equipes interdisciplinares para atuar em todas as escolas que compõem a Superintendência (polo). No caso de Ouro Preto esta equipe atendia todas as escolas estaduais compreendidas nos municípios de: Acaiaca, Diogo de Vasconcelos, Itabirito, Mariana e Ouro Preto (cidades de Minas Gerais), na Região dos Inconfidentes, sinalizando, assim a abrangência desta ação. A Equipe PIP CBC é uma equipe interdisciplinar, cujas ações integram a capacitação de professores em sua área de atuação, bem como o repasse de metodologias de ensino e avaliação. Desta forma, ao envolvê-los o objetivo foi tornar o PIP/CBC uma equipe de professores/multiplicadores (em várias disciplinas) para a sensibilização em prol das atividades interdisciplinares desenvolvidas nos museus.

## 2. Método do Trabalho

Encontrar um método estruturado teoricamente que seja capaz de resolver os problemas e questões apresentadas durante as análises propostas é algo praticamente impossível. Isto porque, não existe uma verdade absoluta e para um mesmo fato podem existir várias explicações. No caso da Intervenção Pedagógica, isto parece ser ainda mais distante, posto que é uma proposta, relativamente, nova se comparada às demais e ainda carece de muitas experiências educacionais.

Assim, a forma com que o pesquisador aborda o tema e o enunciado dos problemas revela seu modo particular de entender e focar determinadas questões na pesquisa. Desta forma, “a abordagem e o método se revelam nas formas de pensar e de se fazer no transcórrer da pesquisa e não por declarações abstratas de adesão a esta ou aquela perspectiva” (GATTI, B. 2003, p.15).

De tal maneira que, a escolha por um determinado modelo explicativo, anuncia a postura do pesquisador ratificando sua trajetória até um dado momento.

A pesquisa é um cerco em torno de um problema. É necessário escolher instrumentos para acessar a questão, vislumbrar e escolher trilhas a seguir e modos de se comportar nessas trilhas, criar alternativas de ação para eventuais surpresas, criar armadilhas para capturar respostas significativas (GATTI, B. 2003, p. 17).

Pensando nisto, optou-se por conduzir este estudo na linha de investigação qualitativa, que pareceu mais conveniente, uma vez que compreende que “a investigação como interpretação é um processo dinâmico, um movimento” (CLARETO, s.n.t., p. 2) capaz de promover com este movimento uma busca de novos sentidos, já que o conhecimento é subjetivo e não consta de uma verdade única como desejava Descartes.

Se na concepção cartesiana de conhecimento, a pesquisa pressupõe uma verdade *a priori* a ser alcançada através do “Método”, aqui ela é, antes de tudo, a soma dos saberes concebidos, tanto no conteúdo material, quanto nas inferências realizadas. Justificando, assim, a utilização da pesquisa bibliográfica, acerca do tema: educação e recuperação dos alunos com dificuldades de aprendizagem, como estratégia metodológica mais adequada para a realização da pesquisa. Além disto, a realização da pesquisa exigiu a análise dos dados levantados e o relato das observações participantes.

Para isto, recorreu-se, principalmente às obras: “Educação e mudança”, “Pedagogia da autonomia” e “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire, para a realização das análises, posteriormente, apresentadas. Tais obras foram selecionadas em função da sua relação direta com o tema e serviram para dar subsídios aos argumentos relativos ao novo olhar sobre no processo de ensino e aprendizagem nos museus.

Diante do exposto, este trabalho propiciou a elaboração de um material reflexivo sobre a práxis pedagógica da Educação Museal, justificando-se pela possibilidade de promover ações participativas e discussões acerca da Educação Museal, como elemento para a excelência no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, foi desenvolvida uma ação junto a um grupo de 10 professores multiplicadores, atuantes na Equipe de Intervenção Pedagógica (PIP), dos anos finais, da Superintendência Regional de Ensino (S.R.E. Ouro Preto). Estas ações compuseram-se de vários momentos práticos e/ou reflexivos e envolveram colaboradores internos e externos, num período de aproximadamente dois meses e meio (entre outubro/2013 e janeiro/2014).

Para a atividade de sensibilização, foi convidado como colaborador o professor Samir Antunes (professor de Arte do PIP/CBC), para a atividade de reconhecimento geológico da rota da Estrada Real, foi convidada como colaboradora a professora Fernanda Pedrosa (professora de Ciências do PIP/CBC) e ainda houve a colaboração da psicóloga Cláudia Itaborahy, para palestrar aos professores.

Assim, a primeira ação ocorreu no final do mês de outubro/2013 (30/10/13) quando a equipe participou de uma pequena palestra esclarecendo informações sobre a elaboração do Plano Nacional de Educação Museal, bem como as ações propostas pela articuladora em questão. Durante esta palestra o grupo foi convidado a participar das ações aqui apresentadas e diante da assertiva, todos foram informados da programação das atividades a serem desenvolvidas.

Assim, no mês de novembro (dia 01/11/2013), foram realizadas as ações de sensibilização, participação e visitação ao Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, pertencente a Universidade Federal de Ouro Preto/MG.

Para as ações de “sensibilização” o professor (convidado) Samir Antunes elaborou algumas atividades no adro do Museu. Tais atividades duraram em torno de 40 minutos e constaram da participação da equipe, dividida em duplas, visando a maior descontração participativa colaborativa. Logo após, o professor explicou o objetivo das atividades e questionou aos participantes sobre como haviam realizado visitas anteriores, surpreendendo-se ao descobrir que havia entre os professores alguns que nunca haviam realizado visitação no citado Museu, apesar de serem todos nascidos e/ou residentes em Ouro Preto e distritos. Por isso, fez uma breve explanação sobre a importância do Museu, principalmente em relação ao espaço educacional no qual ainda se constitui, destacando seu caráter utilitário, uma vez que abriga espaços educacionais ativos (salas de aula) do Departamento de Engenharia de Minas e do Departamento de Artes Cênicas, ao encerrar desejou a todos uma boa visita ao museu e voltou a integrar a Equipe, participando da visitação com os demais.

A seguir, foram distribuídos aos professores os “tickets”, de visitação aos diversos espaços do Museu e iniciando-se a visitação. Neste momento, a professora (convidada) Fernanda Pedrosa (professora de Ciências do PIP/CBC), fez explicações diversas sobre a formação geológica da rota da Estrada Real e apresentou aos participantes alguns exemplares, expostos no museu, que fazem parte desta formação, gerando grande satisfação aos colegas que relatavam a “alegria” em aprender algo novo.

No setor de Mineralogia, o grupo contou com uma visita guiada, realizada pelo monitor Renan Rodrigues (graduando em Turismo/Ufop) que encantou os professores com suas exposições. Nesta ocasião vários professores declararam que desconheciam o serviço de visita guiada, oferecido pelo museu.

No setor de Mineração o grupo contou com uma grata surpresa, a participação voluntária de dois professores da equipe (Renivaldo Barbosa e Ricardo José), respectivamente formados em Geografia e Letras (Inglês), que já haviam trabalhado no setor de mineração e explicaram detalhes do funcionamento dos maquinários expostos. Promovendo automaticamente a sensação de participação e colaboração mútua, na visitação e encerrando assim esta etapa das atividades.

No mês de janeiro/2014, conforme agendado ocorreu, numa das salas do Museu, a palestra: “O mal estar docente”, ministrada pela psicóloga Cláudia Itaboray, que abordou questões levantadas em seus estudos de mestrado sobre as expectativas e frustrações dos professores no dia-a-dia de trabalho e suas consequências. Além de propiciar um momento de reflexão acerca da própria atividade docente, esta atividade complementar serviu à reflexão de que os espaços do museu estão abertos à utilização da comunidade, para a realização de atividades educativas diversas, atendendo assim alguns dos pressupostos apontados nas discussões do PNEM acerca das parcerias e da Educação Museal, para maior aproximação e integração com o público nos espaços museais.

### 3. Referencial Teórico

Para pontuar o referencial teórico, pontuado neste trabalho, recorreu-se, especialmente, ao trabalho de Paulo Freire, “Educação e Mudança”, publicado

no Brasil, em 1979, período em que este educador, retornava de quinze anos de exílio, imposto pela ditadura militar.

Neste trabalho, como o próprio título sugere, Freire aponta a importância da educação, como elemento provocador de mudança. Não só a mudança comportamental do indivíduo, que passa a perceber o mundo à sua volta, com olhar mais crítico, mas também na mudança que esta nova postura pode promover para a sociedade.

Logo no prefácio da obra, escrito por Moacir Gadotti, o educador questiona: “Pode a educação operar a mudança? Que mudança?” (GADOTTI, in: FREIRE, 1979, p. 10). Além disso, Gadotti (1979, p. 11) apresenta uma discussão que dialoga sobre a “possibilidade de uma educação libertadora, transformadora”.

No entanto,

A tradição pedagógica insiste ainda hoje em limitar o pedagógico à sala de aula, à relação professora-aluno, educador-educando, ao diálogo singular ou plural entre duas ou várias pessoas. Não seria esta uma forma de cercear, de limitar a ação pedagógica? (GADOTTI, in: FREIRE, 1979, p. 11)

É neste contexto, que Gadotti e Freire (1979), afirmam que muitas vezes a tradição pedagógica impõem limites ao diálogo, tão indispensável na condução da mudança, porque muito mais que possibilitar o diálogo, essa educação transformadora é também um ato politizador, que liberta a mente do oprimido de sua condição cíclica. Pois, “numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor” (GADOTTI, in: FREIRE, 1979, p. 13). Diante deste suposto, Gadotti afirma que:

Nossa educação é sustentada por esses dois tipos de humanismo que, embora se combatam entre si, são ambos conservadores: o humanismo idealista, de um lado, lutando por uma educação pietista cujo ideal educativo conduziria ao obscurantismo da Idade Média, frequentemente encabeçado pela escola particular e religiosa; por outro lado, o humanismo tecnológico, reduzindo toda educação a um arsenal de metodologias e de instrumentos de aprendizagem, despolitizando a grande massa da população, mais frequentemente professado pelas escolas oficiais e burocráticas. Um se perde na contemplação dos ideais de uma sociedade “humana”, “acima” da luta de classes, outro elimina todo ideal, substituindo-o pela ciência e pela técnica (GADOTTI, in: FREIRE, 1979, p. 14).

É por perceber e anunciar o sentido político da educação, que Paulo Freire foi e continua sendo um educador de relevância tão especial e que sua obra além de propor agentes de mudança passou a compor o poder simbólico que a educação pode alcançar na sociedade. Por isso, “depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político. Aqueles que tentam argumentar em contrário, estão defendendo uma certa política, a política da despolitização” (GADOTTI, in: FREIRE, 1979, p. 14).

Ao relacionar esta percepção da Educação para a Educação Museal, percebe-se o quão intrínseca é esta relação na formação do educador, como indivíduo comprometido com a sociedade e o espaço.

No entanto, a questão do compromisso do profissional com a sociedade coloca algumas reflexões das quais não se pode fugir e que são necessárias para o esclarecimento do tema.

Em primeiro lugar, a expressão ‘o compromisso do profissional com a sociedade’ nos apresenta o conceito do compromisso definido pelo complemento ‘do profissional’, ao qual segue o termo “com a sociedade”. Somente a presença do complemento da frase indica que não se trata do compromisso de qualquer um, mas do profissional. A expressão final, por sua vez, define o polo para o qual o compromisso se orienta e no qual o ato comprometido só aparentemente terminaria, pois na verdade não termina (FREIRE, 1979, p.15).

Portanto, a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. Como nos afirma Freire (1979), é “preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele”.

Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência de estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência (FREIRE, 1979, p.16).

Assim, através do distanciamento promovido pela reflexão, o indivíduo é capaz de sair de seu contexto, reconhecê-lo e admirá-lo, que são condições necessárias para que se instale o desejo transformá-lo e, “transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação [...] de sujeito histórico, pois somente este é capaz, por tudo isto, se comprometer-se” (FREIRE, 1979, p.17).

Este comprometimento reflete a assertiva de que “não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade [...] esta relação implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão” (FREIRE, 1979, p.17).

Se a realidade condiciona seu pensar e atuar não autênticos, como podem pensar corretamente o pensar e o atuar incorretos? É que, no jogo interativo do atuar-pensar o mundo, se, num momento da experiência histórica dos homens, os obstáculos ao seu autêntico atuar e pensar não são visualizados, em outros, estes obstáculos passam a ser percebidos para, finalmente, os homens ganharem com eles sua razão (FREIRE, 1979, p.18).

“É atuando ou não podendo atuar que se lhes aclaram os obstáculos da ação, a qual não se dicotomiza da reflexão” (FREIRE, 1979).

Portanto, as ações analisadas neste artigo pontuam sobre a reflexão apresentada no PNEM, através de seus fóruns de discussão acerca da importância de estabelecerem-se redes cooperativas de formação para a Educação Museal. Nestes fóruns surgiram sugestões sobre como estas redes cooperativas para a Educação Museal poderiam contribuir na formação dos estudantes de licenciaturas (futuros professores), possibilitando a oportunidade de exercitar e aprender através da atuação-reflexão. Afinal, é através da atuação-reflexão (da formação teórico-prática) que o indivíduo experimenta, através dos diversos exercícios (reflexivos e práticos) a condição de profissional, posto à prova. É por meio destes momentos que ele será avaliado em suas percepções, não apenas

como aprendiz de técnicas capazes de atender as necessidades do mercado, mas como ser social, cidadão, finito na sua condição de completude, ciente de sua necessidade de sempre saber mais, visto que o conhecimento é uma necessidade constante. Nesse contexto, a sua atuação no mercado torna-se uma consequência de sua transformação educacional.

É também através destes momentos que o educando poderá experimentar o sentimento de frustração diante dos obstáculos que impedem o êxito de suas propostas e, a partir disto, exercitar a construção de estratégias que estejam para além das necessidades do mercado e coincidam com as necessidades da formação de um profissional comprometido com a mudança.

O momento de frustração é importante, segundo Freire (1979), porque através dele:

Os homens encontram-se profundamente feridos em si mesmos, como seres do compromisso. Compromisso com o mundo, que deve ser humanizado para a humanização dos homens, responsabilidade com estes, com a história. Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavrório, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade (FREIRE, 1979, p.18).

Freire informa ainda que é a capacitação profissional, que sistematiza as experiências possibilitando ao educando recorrer e utilizar-se do patrimônio cultural com maior frequência, aumentando assim sua responsabilidade com os homens. É, portanto, através desta responsabilidade social, que o educando percebe sua responsabilidade em evitar a burocratização de seu compromisso profissional, “servindo, numa inversão dolosa de valores, mais aos meios que ao fim do homem” (FREIRE, 1979, p.20).

Há, portanto que se compreender, durante nas ações de visitação aos museus a importância da elaboração do planejamento prévio, pautado em atividades que ocupem os educandos no exercício da reflexão-ação, pois é através da prática, que poderão ser avaliadas as percepções dos indivíduos acerca da aplicação dos conhecimentos teóricos que lhes foram disponibilizados.

No entanto, até o presente momento, o que se pode observar é que na maioria das atividades propostas, ainda não há uma percepção clara deste tipo de conduta. Sob este prisma, o educando não se transforma e também não modifica sua relação com o espaço do(s) museus, já que existe um desconhecimento sobre a sua funcionalidade na sociedade.

Desta forma, o professor formado, sem a experiência deste exercício, pode não ter autonomia para enfrentar a sensação de frustração, diante dos obstáculos limitadores de suas propostas, ou a ousadia de desenvolver projetos inovadores embebidos com ideias e propostas de ações diferenciadas nestes espaços, daí a necessidade de capacitá-los.

De outra forma, a experiência desta práxis educacional, habilita-o a explorar os museus (dentro e fora do seu entorno), a partir da ação-reflexão, criando estratégias para um pensar autêntico, carregado de autonomia, comprometido socialmente, com a Educação Museal.

#### 4. Resultados e discussão

A primeira ação formativa contou com a participação de 01 articuladora e dois professores convidados para a ação educativa formativa: Fernanda Pedrosa e Samir Antunes e uma convidada externa, a psicóloga Cláudia Itaboray. Nesta ação as atividades foram divididas em três etapas denominadas: “Antes”, “Durante” e “Depois”, assim discriminadas:

**Antes, durante e depois:** a articuladora do PNEM, mobilizou os recursos humanos e materiais, pauta de atividades, organização da visita e *feedback* aos participantes.

**Antes da visita:** ao iniciar a visita, o professor de Arte, Samir Antunes, promoveu “Ação de Percepção”, constando de uma atividade coletiva e ao ar livre, para despertar o “olhar e os sentidos” dos participantes para a visita.

**Durante a visita:** A professora de Ciências Fernanda Pedrosa, explanou sobre a formação geológica da rota da Estrada Real e apresentará aos participantes, alguns exemplares expostos no museu e que fazem parte desta formação geológica.

Após a realização de todas estas atividades, foi realizada uma conversa de *feedback* e aplicado um questionário, visando a analisar a participação e o interesse dos participantes, onde pode-se perceber um clima geral de satisfação em relação as atividades desenvolvidas e o interesse dos participantes em multiplicar, junto a outros professores da rede de ensino, o aprendizado adquirido. A aplicação do questionário gerou alguns gráficos que serão apresentados, a seguir.

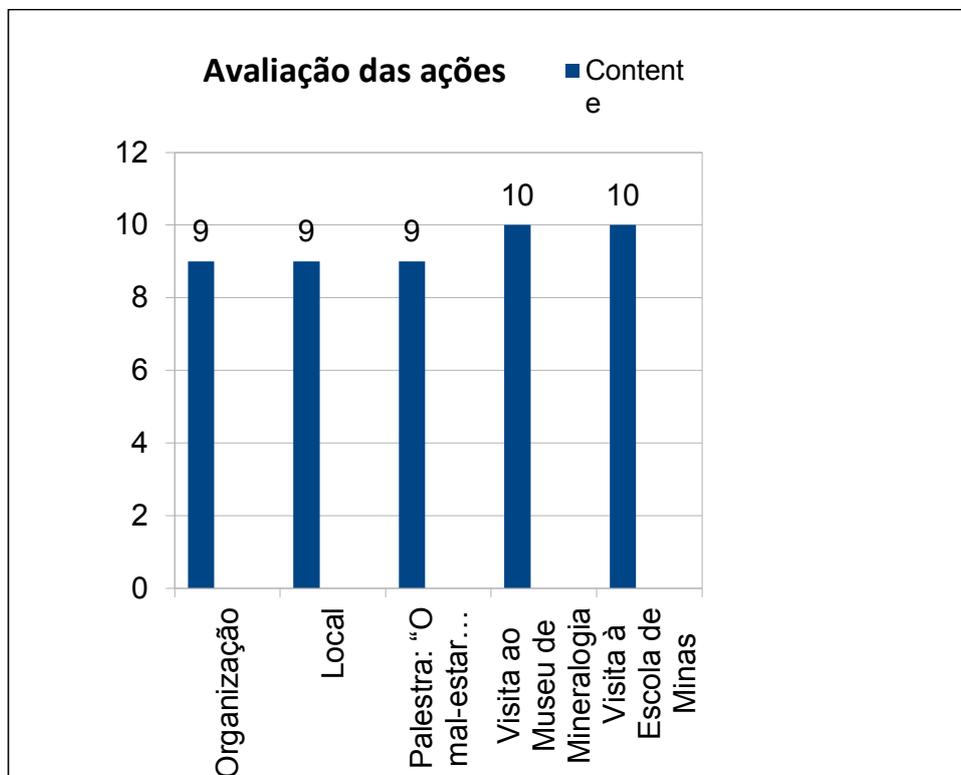


Gráfico 1; elaborado pela autora.

O Gráfico 1 sinaliza a satisfação dos professores na realização da visita ao Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, da Universidade Federal de Ouro Preto, pontuando um aspecto interessante se considerado o fato de alguns professores já conhecerem este museu.

Outra importante constatação realizada diz respeito à expectativa dos participantes. Neste caso a análise das informações obtidas informa que, para 40% da equipe de participantes as ações superaram sua expectativa.



Gráfico 2; elaborado pela autora.

Este dado sinaliza uma questão importante apontada pelas discussões do PNEM: muitas vezes os cidadãos visitam o museu uma única vez, pois não tem expectativa de encontrar algo novo no seu interior. Na verdade, ao analisar esta questão, a partir da “expectativa”, pode-se comprovar que através da utilização dos recursos e meios adequados é possível transformar e/ou redirecionar o olhar do visitante para o museu, de forma a conduzi-lo na percepção de elementos novos em cada visita, mesmo quando estes elementos constituem-se em objetos visitados já conhecidos.

No gráfico, a seguir foram analisados os aspectos positivos das ações:

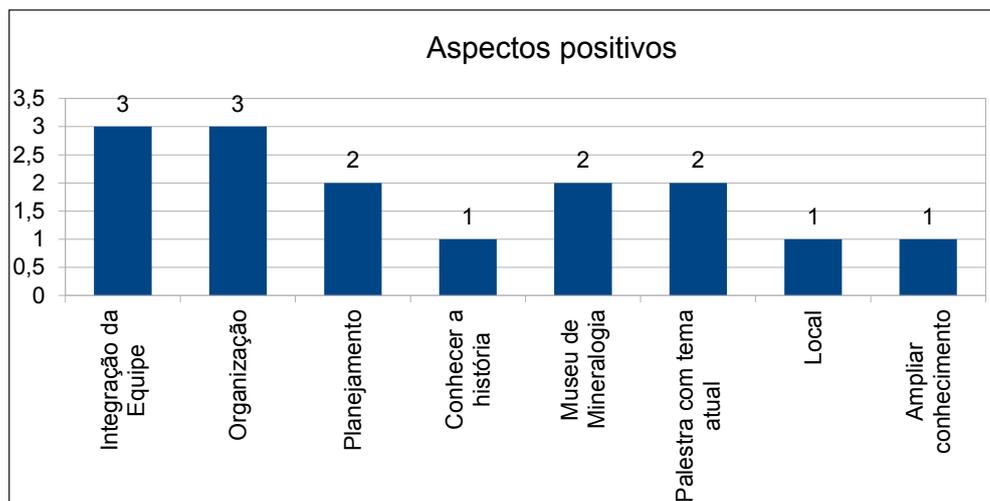


Gráfico 3; elaborado pela autora.

Em relação a este gráfico, o que chama a atenção são os elementos relativos à organização, planejamento e interação, principalmente por tratar-se de um momento de reconhecimento em relação ao trabalho dos colegas de equipe, que também foram colaboradores das ações.

Por fim, para alimentar o desejo de novas ações os professores foram instigados a pensarem ações similares que pudessem ser desenvolvidas em outros museus da cidade e, de forma geral, todos responderam positivamente, gerando um saldo positivo para pesquisa-ação proposta.

Tendo em vista o intuito qualitativo desta pesquisa, pode-se concluir que, a partir do envolvimento e da avaliação positiva do grupo a proposta apresentada promoveu através da ação prática e da reflexão a conscientização e a formação de professores multiplicadores em prol de ações educativas interdisciplinares realizadas dentro de museus. Tratando-se, portanto de uma pesquisa-ação, cuja intenção foi integrar os professores da rede estadual de educação básica, aos conhecimentos provocados e produzidos pelas reflexões apresentadas na plataforma virtual do PNEM.

A compilação dos dados através dos gráficos possibilitou avaliar o trabalho realizado, permitindo perceber as situações positivas e negativas, que poderão ser reiteradas, ou inibidas, em ações futuras.

Torna-se necessário, no entanto, apreender em que circunstâncias este processo se realiza exigindo diálogo entre a teoria e a prática, como condutoras de um comportamento ético e responsável no planejamento e execução dessas ações.

Desta forma, essa proposta converge com a metodologia do PNEM, por meio da qual a participação colaborativa, pretende democratizar a discussão acerca da Educação Museal, que visa à elaboração e redação de diretrizes voltadas aos museus no que tange as ações educacionais.

### **Considerações Finais**

A partir, das ações e reflexões promovidas acredita-se que somente através da educação (reflexão-ação) que é em si ato político, é possível formar professores proprietários de um saber capaz de promover a Educação Museal, de forma consciente e prazerosa, capacitados tanto para o exercício do magistério, quanto para a promoção de ações educativas interdisciplinares nos museus.

Desta feita, o documento final do Programa (PNEM), precisa estar alinhado não somente aos marcos estruturantes e legais dos campos cultural e museal brasileiro, como: o Estatuto de Museus; a Política Nacional de Museus; o Plano Nacional Setorial de Museus; e Plano Nacional de Cultura, e principalmente o Plano Nacional de Educação, uma vez que este último encerra uma importante contribuição no diz respeito às matrizes curriculares, dos cursos de formação em licenciatura e que a mudança que se espera, a partir do Plano envolve atitudes que precisam estar presentes desde a formação dos professores.

Somente assim, através de uma formação mais completa, no que diz à teoria e a prática, poderá se afirmar que os profissionais licenciados tiveram em sua formação acadêmica o aprendizado necessário para o exercício da Educação Museal, sem isso, o que se faz é repassar ao indivíduo a responsabilidade que antes deveria ser acarretadas às instituições educacionais.

A construção do Plano Nacional de Educação Museal, de forma coletiva traçou uma via de discussão participativa e co-responsável em prol do planejamento e execução das ações de Educação Museal. Contando para isso, com a participação expressiva de interessados na área, para a consolidação das informações constantes no documento.

Neste sentido, as ações propostas pela articulação da Região dos Inconfidentes (aqui apresentada) pretendeu promover a conscientização e formação de uma equipe de professores/multiplicadores para a sensibilização da Educação Museal. Além disso, esta “Boa Prática” deverá propiciar a motivação e a valorização dos profissionais, através de momentos de socialização e troca de experiências (*feedback*) ampliando as ações reflexivas em prol da Educação Museal. No entanto, as políticas públicas deste setor da educação, envolvem um processo complexo, que deveria exigir das instituições ensino um comprometimento abrangente, desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico, passando pela análise de suas Matrizes Curriculares e da inserção de atividades práticas nas disciplinas em que houver maior relação com a Educação Museal.

No tocante à “questão das parcerias”, apontada num dos fóruns do PNEM, pode-se dizer que, a falta destas parcerias relaciona-se, também, à ausência de relações diretas do PNEM com o Plano Nacional de Educação, uma vez que estas parcerias deveriam ser firmadas no campo das políticas públicas, abrangendo assim os demais setores. Prova disso, foi a capacitação de um grupo de professores/multiplicadores cujo programa (PIP/CBC), que já existia a mais de 2 anos, foi desarticulado, pela política educacional estadual, pouco menos de 4 meses após o fim das ações.

Desta forma, o exercício democrático da construção do Plano Nacional de Educação Museal, deve também incluir ações de interação com o Plano Nacional de Educação, uma vez que são políticas complementares para a Educação Museal, pois visam a uma mudança que não se relaciona apenas com o espaço de formação profissional, mas que compreende todo o processo educacional, como ação dialógica entre conhecimento e indivíduo e estabelece uma nova ordem cultural, na qual é possível cada um reconhecer-se efetivamente como sujeito capaz de captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos, assumindo, conforme nos afirma Freire (1979) a postura de sujeito cognoscente de um objeto cognoscível.

## Referências

- BARRETO, Margarita; TAMANINI, Elizabete; PEIXER, Maria Ivonete da Silva. *Discutindo o ensino universitário de turismo*. Campinas: Papirus, 2004.
- BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- DESCARTES, Renê. *O Discurso sobre o método*. São Paulo : Hemus, 1978.
- GAETA, Cecília. *Profissão: professor*. IN: Análises regionais e globais do turismo brasileiro. TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Editor). São Paulo: Roca, 2005.
- GATTI, Bernadete. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. *Educação em Foco*, 2003.

MOREIRA, A.F.B., ALVES, M.P.C., GARCIA, R.C. (orgs.). *Currículo, cotidiano e tecnologias*. Araraquara: Junqueira & Martins, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Trad. Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PNEM. Disponível em: <http://pnem.museus.gov.br/>

*Artigo recebido em junho de 2015. Aprovado em setembro de 2015*